



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Barbara Ramos Souza

Universidade Federal de Ouro Preto
orcid.org/0000-0003-1201-9000
ramos.barbara1994@gmail.com

Bernardo Nascimento Amorim

Universidade Federal de Ouro Preto
orcid.org/0000-0001-8231-1096
bedeamorim@hotmail.com

*Quando o assunto é procriar: uma reflexão
sobre a representação da maternidade em
Precisamos falar sobre Kevin, de Lionel Shriver*

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a peculiar representação materna criada por Lionel Shriver, no romance epistolar Precisamos falar sobre o Kevin, publicado em 2003. Aborda-se o romance com o auxílio de estudos sobre a maternidade, a mulher-mãe e a ideologia maternalista, recorrendo-se a autoras como Nancy Chodorow, Orna Donath e Simone de Beauvoir, com destaque para a obra da filósofa francesa Elisabeth Badinter. Pensa-se sobre o conceito de amor inato, estudado por Badinter, as mudanças da concepção de maternidade, ao longo dos anos, e o ideal materno que vigora atualmente. Conclui-se que a representação materna do romance de Shriver é contrária ao que se tem construído socialmente em relação à maternidade e ao ideal da mulher-mãe. Este se apresenta como algo inalcançável, que oprime e coage as mulheres a retornarem ao lar, obrigando-as a se dedicarem exclusivamente aos filhos. Trata-se, assim, de uma ferramenta para manter a organização patriarcal da sociedade.

Palavras-chave: Maternidade; Lionel Shriver; Precisamos falar sobre o Kevin.



EVA KHATCHADOURIAN: MULHER E MÃE

Eva Khatchadourian é mãe de Kevin Khatchadourian, adolescente responsável por um crime de extrema violência: um assassinato em massa, em sua escola, no qual sete alunos e dois funcionários perdem a vida. O romance epistolar *Precisamos falar sobre o Kevin*, escrito pela norte-americana Lionel Shriver, não se concentra, no entanto, no massacre cometido pelo jovem. É às vivências de sua mãe, lembradas em cartas escritas para o marido, Franklin Plaskett, que as leitoras e os leitores têm acesso.

Eva Khatchadourian, antes de se tornar mãe, era uma mulher independente, proprietária de uma empresa de viagens, de nome *A Wing & a Prayer*. A ela se dedicava muito, deslocando-se constantemente para o exterior, em busca dos melhores destinos e experiências para seus clientes. Sua liberdade era algo que a personagem prezava bastante, principalmente pelo medo de se igualar à mãe, que desenvolveu agorafobia após a morte do marido, pai de Eva. Ao contrário de sua mãe, que jamais saía do apartamento onde vivia enclausurada, há anos, Eva se mantinha em constante movimento, conhecendo novos países e criando bons guias de viagens, que alavancavam sua bem sucedida carreira.

Ao sentir certa falta, em seu relacionamento com o marido, a personagem considera que o momento de assumir um novo desafio havia chegado:

Quando o assunto era procriar, um de nós sempre acabava entalado no papel de desmancha-prazeres e, em nossa última contenda, eu havia jogado água fria na fervura da procriação: uma criança significava barulho, sujeira, restrições e ingratidão. Dessa vez, resolvi optar pelo papel mais ousado: “Ao menos, se eu ficar grávida, algo vai acontecer.” (SHRIVER, 2007, p. 27, grifo da autora).¹

Entretanto, a gravidez é vivenciada como um grande incômodo, sendo a convivência com o pequeno Kevin ainda pior. Nas cartas de Eva, o filho é descrito como um bebê que chorava incansavelmente, levando-a à exaustão; e, posteriormente, como uma criança cujo desfralde e cuja fala – extremamente tardios – pareciam impossíveis, ainda que os médicos não achassem motivo algum para o atraso de desenvolvimento. Para a personagem, os atos do filho, ainda que ele fosse somente uma criança, pareciam friamente calculados para atingi-la, enquanto a convivência entre pai e filho era tranquila, o que reforçava

a sensação de que o objetivo de Kevin era aborrecê-la. Apesar de sua experiência ruim, Eva engravida novamente, vivenciando a segunda maternidade de forma completamente contrária à primeira. Com Celia, descrita como uma criança muito doce, Eva conhece o amor materno do qual sempre ouvira falar:



Talvez meu amor por Celia tenha vindo muito fácil. Pode ser que, segundo minha própria cartilha, ela fosse uma espécie de fraude: afinal, lutei a vida toda para superar as dificuldades, para vencer os terrores. Celia era simplesmente um encanto. Não consigo pensar numa única pessoa que não a achasse uma menina adorável, embora me pergunte se, depois, alguém se lembrava dela. De Kevin, por outro lado, era muito difícil alguém gostar, mesmo que, por educação, os vizinhos não dissessem isso abertamente; só que ninguém se esquecia dele. (SHRIVER, 2007, p. 266).ⁱⁱ

Logo na primeira carta escrita por Eva, percebemos que o casal está separado, mas o motivo desta separação permanece uma incógnita durante grande parte do livro. O mistério é mantido até o momento em que a personagem discorre sobre a fatídica *quinta-feira*, na qual Kevin assassina brutalmente nove pessoas no ginásio do colégio onde estudava. Ao chegar em casa, após ter visto o filho ser algemado e levado pela polícia, Eva se depara com dois corpos: os de Frank e Celia, que também foram vítimas do adolescente.

356

A personagem criada por Shriver é uma representação materna peculiar, que trata de uma grande questão do universo feminino, envolta em mitos e enormes expectativas. Sua narrativa é chocante, já que se espera que as vivências de uma mãe estejam relacionadas a momentos de alegria.

AMORES MATERNOS

Ao falar sobre a realidade das mulheres francesas, consideradas como mães ruins pela sociedade europeia, Elisabeth Badinter (2011, p. 199) afirma que, no século XVIII, o ideal de mulher realizada consistia em ser “uma esposa, uma pessoa que tem deveres sociais e uma mãe”. Ter filhos era uma obrigação para que o nome e os bens do marido fossem passados adiante, mas os cuidados com a criança não faziam parte dos encargos da mulher. Nessa época, a educação dos filhos de famílias de classes mais

elevadas costumava ser dividida em três etapas: “a colocação na casa de uma ama, o retorno ao lar e depois a partida para



o convento ou o internato” (BADINTER, 1985, p. 119). As crianças passavam somente cerca de meia década na casa dos pais, experienciando, conforme Badinter (1985, p. 119), “falta de cuidados e com frequência um verdadeiro abandono moral e afetivo”.

A amamentação, por exemplo, era considerada algo repulso. Como os médicos costumavam proibir que as lactantes tivessem relações sexuais, era normal que as mães não amamentassem, a fim de evitar que os maridos cometessem adultério. O filho, então, não era um símbolo de realização feminina, mas, ao contrário, era um “empecilho”, “não apenas na vida conjugal, mas também nos prazeres e na vida mundana” (BADINTER, 1985, p. 98). Para as mulheres de classe alta, a vida social era prioridade. Já para as mulheres de classes medianas, chamadas por Badinter (1985, p. 99) de “pequeno-burguesas”, era preferível “não fazer absolutamente nada do que dar mostras de se ocupar de coisas tão insignificantes”.

Segundo a filósofa francesa, os cuidados com o filho eram vistos como “incompatíveis com os deveres da mulher e da esposa distinta” (BADINTER, 2011, p. 198). Não havia, portanto, caráter honroso em cuidar das próprias crianças. A autora destaca também que, naquela época, a taxa de mortalidade infantil era alta; e que, muitas vezes, as crianças enviadas para as casas das amas não sobreviviam (Cf. BADINTER, 1985, p. 12). Mesmo que já houvessem passado por perdas anteriores, as mães continuavam a deixar os filhos aos cuidados das amas. A alta taxa de mortalidade era tida como motivo para que os pais, especialmente, as mães, evitassem o apego aos filhos:

Em outras palavras: valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido a expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. Dada a taxa elevada de mortalidade infantil até fins do século XVIII, se a mãe se apegasse intensamente a cada um de seus bebês, sem dúvida morreria de dor. (BADINTER, 1985, p. 85).

A idealização da mulher realizada, como se vê, diferia bastante da atual. É no final do século XVIII que o pensamento começa a mudar. Badinter (2011, p. 79) afirma: “No século XVIII, Rousseau, os médicos e moralistas souberam [...] convencer as mães a se dedicarem exclusivamente aos filhos, amamentá-los e educá-los. Tratava-se da sobrevivência deles, da felicidade da família



e da sociedade e, finalmente, do poder da nação”. Embora o conceito de amor de mãe não fosse inteiramente novo, ele se reveste, agora, de certa “exaltação”, passando a ser “um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade” (BADINTER, 1985, p. 146). Mesmo o Estado interfere, tendo em vista sanar o problema da alta taxa de mortalidade infantil. Incentivam-se as mulheres a se ocuparem dos cuidados com a criança, principalmente logo após o nascimento, período no qual os bebês correm mais risco de morte (Cf. BADINTER, 1985, p. 146). O que foi decisivo para que as mulheres acatassem gradativamente as novas exigências, no entanto, foi o discurso de que elas finalmente desempenhariam um papel social que garantiria respeito e igualdade:

Inconscientemente, algumas delas perceberam que ao produzir esse trabalho familiar necessário à sociedade adquiriam uma importância considerável, que a maioria delas jamais tivera. Acreditaram nas promessas e julgaram conquistar o direito ao respeito dos homens, o reconhecimento de sua utilidade e de sua especificidade. Finalmente, uma tarefa necessária e “nobre”, que o homem não podia, ou não queria, realizar. (BADINTER, 1985, p. 147).

A substituição gradativa do casamento arranjado pelo casamento de livre escolha foi também um importante fator para esta mudança. Badinter (1985, p. 178) ilustra bem a nova mentalidade: “A procriação é uma das doçuras do casamento: e que seria mais natural que amar em seguida os seus frutos? Quando os esposos se escolheram livremente, o amor que sentem um pelo outro se concretizará naturalmente em sua prole”. É a partir deste momento que o papel da mãe na criação do indivíduo se torna central, com os conceitos de amor inato e instinto materno ganhando força.

O advento do movimento feminista, no final do século XIX, entretanto, permitiu que as mulheres ocupassem novos lugares sociais. Já no século seguinte, na década de 1960, o anticoncepcional surge como um divisor de águas: as mulheres passam a ter a possibilidade de usar um medicamento que lhes concede o poder de decidir quando gerar um filho. Como diz Simone de Beauvoir (1967, p. 248), “a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade”. A ideia do amor inato, contudo, continuava vigente, atrelada à espécie de *slogan* segundo o qual “o filho é o fim supremo da mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 291).



Partimos, todavia, da ideia de que o amor materno é uma construção. Conforme Beauvoir (1967, p. 277-278), “não existe instinto materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira por que a assume”. Badinter defende que o amor de mãe para filho é um sentimento como qualquer

outro, e, portanto, não deve ser considerado algo inerente à natureza da mulher:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. (BADINTER, 1985, p. 23).

Se não se trata de um sentimento inato, é preciso entender como se dá a construção de ideal materno vigente na sociedade ocidental e patriarcal na qual estamos inseridos; é preciso entender qual é o comportamento esperado por parte da mulher-mãe, no presente. O que devemos nos perguntar é: o que se concebe como uma boa mãe?

EVA KHATCHADOURIAN E A IDEOLOGIA MATERNALISTA

Para começar a nossa análise, é importante dizer que a personagem criada por Lionel Shriver é uma representação verossímil da mulher contemporânea. Eva Khatchadourian se dedicava muito à sua empresa, da qual foi fundadora; tinha sua carreira como prioridade; conseguiu estabilidade financeira e destaque no ramo em que trabalhava. O relacionamento com Franklin Plaskett se iniciou depois dos trinta anos, quando ela já havia conquistado sua independência. Mesmo estando em um relacionamento, Eva continuou trabalhando, viajando pelo mundo a fim de criar os melhores roteiros para os clientes de sua empresa, ainda que sua ausência incomodasse o marido.

Em *O conflito: a mulher e a mãe*, Badinter discorre sobre aquilo que chama de ideologia maternalista, que ainda se sustenta por meio do argumento do instinto materno, chocando-se diretamente com a ideia de maternidade como opção. A autora caracteriza a decisão de ter um filho como “a decisão mais

perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida” (BADINTER, 2011, p. 18), já que demanda o comprometimento a longo prazo com a existência de outro ser humano. A autora alega que, com o aumento da liberdade para decidir, há também o aumento das responsabilidades:



Optar por ser mãe não garante, como inicialmente se acreditou, uma melhor maternidade. Não apenas porque a liberdade de escolha talvez seja um embuste, mas também porque ela aumenta consideravelmente o peso das responsabilidades em um tempo em que o individualismo e a “paixão de si” nunca foram tão poderosos. (BADINTER, 2011, p. 25).

A maternidade, hoje, é considerada uma escolha, principalmente devido à possibilidade do uso de métodos contraceptivos. Porém, a pressão sobre as mulheres em relação ao tema é extenuante. Uma mulher que escolhe não ter filhos é julgada, questionada, e, muitas vezes, vista de forma negativa. Tendo em mente que a mulher pode escolher, mas que será contestada, caso não escolha o que a sociedade espera, pode-se considerar que tudo não passa de uma ilusão. Nas palavras de Orna Donath:

[...] é inconcebível que uma mulher supostamente saudável e sã, e que pode agora ter a liberdade de escolher sua própria trajetória, decida renunciar à maternidade. Ao contrário, considera-se que ela esteja tanto obrigada quanto disposta a abandonar sua vida como não mãe a fim de progredir e se tornar realizada. (DONATH, 2017, p. 30).

As razões que levaram a personagem de *Precisamos falar sobre o Kevin* a optar pela maternidade são questionáveis. Eva, como mulher que sofre com as pressões que a sociedade exerce em relação à maternidade, apesar de nunca ter sonhado ser mãe, questiona-se, imaginando que poderia haver algo de errado com ela. O problema seria ela ainda não ter recebido o tão falado chamado do instinto materno: “Durante anos esperei por aquele chamado avassalador do qual eu tanto ouvira falar, o anseio narcótico que, nos parques, aproxima inexoravelmente as mulheres sem filhos dos carrinhos de bebê” (SHRIVER, 2007, p. 39).ⁱⁱⁱ Como a ideologia maternalista faz com que acreditemos que todas as mulheres sentirão essa vontade em algum momento da vida, aquela que percebe que não se enquadra nessa situação se sente estranha e, até mesmo, errada. Ainda sobre o estranhamento que sente em relação à ausência de vontade de ter

um filho, a personagem diz:



Quando percebi, aos trinta e poucos anos, que ainda não entrara no ciclo materno, comecei a me preocupar com a possibilidade de haver algo errado comigo, algo faltando. Até dar à luz Kevin, aos trinta e sete anos, já havia começado a me perguntar se, ao não ter simplesmente aceitado esse meu defeito, eu não teria ampliado uma deficiência acidental, talvez até mesmo química, para uma falha de proporções shakespearianas. (SHRIVER, 2007, p. 40).^{iv}

Nunca tendo sentido vontade de ser mãe, Eva sentia, entretanto, que Franklin não estava tão satisfeito quanto ela somente com o casamento e a carreira. Ele precisava de mais:

Então o que me fez sair de cima do muro? Você, para começo de conversa. Porque se *nós* éramos felizes, você não, não exatamente, e eu devia saber disso. Havia um vazio na sua vida que eu não podia preencher. [...] Sua paixão eram as pessoas, Franklin. De modo que quando vi você brincando com as filhas do Brian, fazendo bilu-bilu para elas com macaquinhos de pelúcia, admirando as tatuagens laváveis das duas, ansiei por lhe dar a oportunidade de sentir o mesmo ardor que um dia eu havia encontrado na A Wing & a Prayer – ou, como dizia você, na AWAP. (SHRIVER, 2011, p. 40, grifo da autora).^v

Eva, então, decide ser mãe para dar ao marido a oportunidade de ser pai. Ela também tinha medo de perdê-lo, tendo visto o impacto que a morte do pai causou em sua mãe, cuja agorafobia se desenvolveu após a chegada da carta que noticiava o falecimento do cônjuge, durante a guerra. Ao se dar conta de que esta era uma possibilidade, em um dia em que Franklin demora a chegar em casa, Eva diz: “se algum dia tivesse que sentir sua falta, falta para sempre, eu queria ter alguém comigo para sentir falta junto, alguém que o conheceria também, ainda que apenas como um hiato na vida, como você seria um hiato na minha” (SHRIVER, 2007, p. 64).^{vi} Mais do que por vontade própria, portanto, Eva decide ser mãe para suprir as necessidades do marido. Ela tinha medo de se ver sozinha e sentia o peso do questionamento socialmente incutido em relação à sua normalidade, já que nunca tinha sentido o ímpeto de gerar uma criança.

A IDEOLOGIA NATURALISTA, A SOCIEDADE NATALISTA

Sobre a decisão equivocada, tomada não só por Eva Khatchadourian, na ficção, mas também por muitas mulheres, na vida real, Orna Donath afirma que há uma relação direta entre a escolha pela maternidade, ainda que não se sonhe com isso, e a pressão que a sociedade exerce sobre as mulheres:

Essa forma de encarar as mulheres as enreda na teia da natureza, dado o pressuposto inquestionável

QUANDO O ASSUNTO É
PRÓCRIAR: UMA REFLEXÃO
SOBRE A REPRESENTAÇÃO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.19,
p. 354-370, jul./dez. 2021
ISSN 2525-3441

de que o potencial reprodutivo da anatomia feminina obriga as mulheres a ser mães; elas são governadas passivamente por uma ordem fatalista que não lhes deixa outra opção. [...] Ao mesmo tempo, existe uma crença oposta, segundo a qual toda mãe escolheu livremente a maternidade, uma vez que todas as mulheres anseiam por ser mães e, portanto, escolhem esse caminho de maneira ativa, sensata e racional, de livre e espontânea vontade. (DONATH, 2017, p. 27).



Ao falar sobre o ressurgimento da ideologia naturalista, por meio da qual se busca a acentuação dos aspectos humanos relacionados à natureza, na década de 1970, Badinter afirma que as mulheres, decepcionadas com as frustrações do mercado de trabalho, onde eram descartadas com facilidade, passam a “pensar que a situação de mãe de família equivalia a outra qualquer, e que os cuidados com a educação dos filhos poderiam ser sua obra-prima” (BADINTER, 2011, p. 42). Observa-se, assim, certo retrocesso, pois as mulheres dos anos 1970 se aproximam daquelas que, no passado – quando da emergência do conceito do inatismo do amor materno –, encontravam nos cuidados com o filho uma forma de desempenhar uma atividade que fosse respeitada e reconhecida socialmente.

362

Em relação ao discurso que defende a existência do instinto materno como fator para a maternidade, que entra em voga novamente, Badinter (2011, p. 70) reconhece a relação que existe entre cultura e natureza, mas ressalta que não é possível “falar de um instinto baseado no determinismo biológico”, não sendo viável estabelecer um padrão único de vivência materna. O retorno do naturalismo faz com que a opção de ser mãe ou não se dê de forma penosa, pois a sociedade é natalista, julgando de forma negativa a mulher que opta por renegar a maternidade.

Este movimento de retorno a um pensamento anterior está relacionado à segunda onda do feminismo, que, no fim dos anos 1970, considera a feminilidade como uma virtude, cujo âmago é a maternidade:

Diferentemente de Beauvoir, que via aí apenas um epifenômeno na vida das mulheres, fonte de sua opressão milenar, uma nova geração de feministas considera a maternidade a experiência crucial da feminilidade a partir da qual se pode construir um mundo mais humano e mais justo. Para isso, é preciso realizar um retorno à mãe natureza, ignorada por tempo demais: insistir nas diferenças psicológicas que geram as dos comportamentos, recuperar o orgulho de nosso papel de nutriz do qual dependem o bem-estar e o destino da humanidade. (BADINTER, 2011, p. 71).



Neste novo feminismo, que considera ter sido a essência feminina renegada para que as mulheres se igualassem aos homens, a experiência biológica passa a ser celebrada, de modo que as diferenças que compõem a identidade feminina devem ser clamadas e utilizadas como “arma política e moral” (BADINTER, 2011, p. 73). É nesta época que se dá o retorno da maternidade como experiência sublime, fonte de felicidade para a mulher e forma de exercício de poder.

É importante destacar, todavia, que, devido ao aumento das demandas e responsabilidades relacionadas ao filho, no contexto da ideologia naturalista, a culpa materna se torna uma questão crucial: “Acima de tudo, a filosofia naturalista detém o poder supremo da culpabilização, capaz de mudar os costumes” (BADINTER, 2011, p. 79). Badinter ressalta que, quando não é mais possível argumentar em relação à sobrevivência, devido à queda da mortalidade infantil, enfatiza-se o bem-estar físico e psíquico da criança, essencial para a formação do adulto e para o convívio social. As demandas em relação ao filho surgem já no momento em que a mulher descobre que está grávida. A partir de então, ela não pode mais beber ou fumar. Ela precisa se preocupar ou mesmo se policiar em relação à alimentação, dentre outras exigências. É compreensível que demandas sejam feitas, uma vez que o desenvolvimento fetal pode ser afetado. A ênfase na garantia do bem-estar do feto, contudo, implica em que diversas concessões sejam feitas, por parte da mulher, por muito mais que nove meses. Badinter (2011, p. 86) sublinha: “tal como a religiosa que coloca o véu, a futura mãe não se pertence mais.

Com o nascimento do bebê, as demandas mudam. A mamadeira, antes adotada como recurso para que a mãe tivesse mais liberdade, passa a ser demonizada, no contexto do ressurgimento da ideologia naturalista. O que impera, agora, é a amamentação. Não basta amamentar quando for possível, ou caso a mãe queira. A amamentação é vista como obrigação em tempo integral, pois deve ser feita em livre demanda:

Defender o aleitamento a pedido, pelo tempo que a criança desejar, significa simplesmente privar a mulher de um tempo para si. Quando a isso se acrescenta que a sua presença perto da criança até os 3 anos é a melhor garantia para o seu desenvolvimento, entendemos que todos os outros interesses são secundários e moralmente inferiores. (BADINTER, 2011, p. 134).



Questionando os motivos pelos quais a ideia de que a mulher deve se responsabilizar pelos cuidados com o filho é socialmente aceita, a socióloga e psicanalista Nancy Chodorow alerta para a persistência da atribuição dos tradicionais papéis da mulher, na atualidade. De acordo com a autora, trata-se de uma eficiente ferramenta de manutenção da divisão sexual do trabalho, que mantém a desigualdade entre homens e mulheres (Cf. CHODOROW, 1978, p. 11). De fato, ao atribuir cada vez mais obrigações à mulher-mãe e inculcar nela tão fortemente a culpa, a sociedade faz com que as próprias mulheres comecem gradativamente a priorizar as ocupações do âmbito doméstico e os cuidados com os filhos, ao invés de seus interesses pessoais e da própria carreira.

EVA, MÃE: UMA PROPRIEDADE SOCIAL

Assim que começam as tentativas para engravidar, Eva passa a se questionar sobre se essa seria realmente uma boa ideia. Ao suspeitar de uma possível gravidez, pouco depois, ela vai a uma consulta e recebe o resultado positivo. Ao invés de se alegrar com a notícia, Eva se sente mal, o que surpreende a médica, cuja expectativa era a de ver a paciente feliz, uma vez que o casal estava tentando ter um filho. Ao se recuperar, a obstetra inicia a infindável lista de exigências, que já faz a personagem perceber que talvez tenha se equivocado na escolha:

Assim que me forcei a erguer o corpo e sentar direito, ainda que apenas porque a médica me pareceu muito entediada, a dra. Rhinestein começou a desfiar uma longa lista de tudo o que eu não poderia fazer, do que eu não poderia comer e beber e *quando* — e daí que eu tinha planos de atualizar o guia da Europa Oriental? — eu teria de voltar para a próxima consulta. Aquela foi minha introdução à maneira como, cruzada a soleira da maternidade, de repente você se transforma em propriedade social, no equivalente animado de um parque público. Aquela frase tão recatada, “você agora está comendo *por dois*, querida”, nada mais é que uma forma de provocação, porque nem mais o jantar é assunto privado seu. De fato, à medida que *a terra dos livres* vai se tornando cada vez mais coercitiva, a inferência parece ser a de que “você está comendo por nós agora”, pelos cerca de duzentos milhões de enxeridos que têm a prerrogativa, qualquer um deles, de reclamar se porventura algum dia você tiver vontade de comer um *donut* com geleia e não uma refeição completa, composta por grãos integrais e legumes de folha, que cubra todos cinco principais grupos alimentares. O direito de mandar nas grávidas estava sem dúvida a caminho de entrar para a Constituição. (SHRIVER, 2011, p. 68, grifos da autora).^{vii}



Desde o momento em que se vê grávida, Eva se sente desconfortável, por ser colocada em segundo plano. Ela, que sempre tinha sido livre, reconhece-se como mero receptáculo para que uma nova vida se desenvolva, enquanto sente que a dela não importa mais:

Nos filmes de horror ou de ficção científica, o anfitrião é consumido ou despedaçado, reduzido a uma casca ou resíduo para que alguma criatura de pesadelo possa se desenvolver. [...] Durante o tempo todo em que estive grávida de Kevin, combati a ideia de Kevin, a noção de que eu havia sido rebaixada de motorista a veículo, de proprietária para o imóvel em si (SHRIVER, 2007, p. 76).^{viii}

Em um dos momentos no qual a personagem relata suas aflições como mulher grávida, ela afirma que o marido não a deixava sequer dançar. Nesta cena, bastante emblemática, Franklin chega em casa e, ao vê-la dançando, perde a paciência, desliga o som e começa a repreendê-la. Eva conta, então, que respondeu ao marido: “Até onde sei, gravidez não é pena de prisão” (SHRIVER, 2007, p. 81).^{ix} Em seguida, desabafa: “eu já não aguentava mais ter esse *bem-estar de uma pessoa totalmente nova* pesando sobre os meus ombros” (SHRIVER, 2007, p. 82, grifos da autora).^x É no meio desta discussão que Eva se dá conta de que teria repensado, caso fosse possível, ou seja, ela estava arrependida de ter decidido ser mãe. Ao dizer a Franklin, entretanto, que repensaria a decisão, caso soubesse como o marido passaria a se comportar, é repreendida de forma enfática: “*Jamais diga isso*” (SHRIVER, 2007, p. 82, grifos da autora).^{xi} É neste momento que a personagem se dá conta de que, quando o assunto fosse o filho, nunca poderia compartilhar a totalidade de seus sentimentos com o cônjuge.

O marido de Eva age em tudo de acordo com a ideologia maternalista vigente. Descrito por ela como um homem extremamente patriota, um “norte-americano por opção, tanto quanto por nascimento” (SHRIVER, 2007, p. 50),^{xii} Franklin não conseguia compreender o incômodo que Eva sentia por precisar fazer diversas concessões, como no momento em que ela queria dançar: “Mais dois meses, só. Será que é um sacrifício tão grande assim de fazer, ir com mais calma, para o bem-estar de uma pessoa totalmente nova?” (SHRIVER, 2007, p. 81).^{xiii} A personagem sentia que a única segurança com a qual o marido se importava era a do bebê:

Se por exemplo eu atravessasse a rua com o sinal mudando, você não se preocupava com minha segurança, mas ficava indignado com minha irresponsabilidade. Esses “riscos” que eu assumia – que eu considerava parte de minha vida normal – pareciam, na sua cabeça, demonstrar displicência em relação a um de seus pertences pessoais. (SHRIVER, 2007, p. 81).^{xiv}



Franklin também ignorava os comentários da mulher sobre o comportamento peculiar do filho, como é possível perceber em um trecho da carta na qual Eva questiona os motivos pelos quais Kevin não tinha amigos para brincar. Ela menciona um episódio em que viu todos os garotos de um grupo que ela tinha organizado brincando na sala da casa de uma das mães, sem que Kevin tivesse sido convidado. O marido dispara, então: “Eu jamais perguntaria a ele [por que ele não tinha sido convidado] porque essa é uma história muito desagradável que o deixaria muito magoado. E não vejo onde está o mistério – fofocas, panelinhas e desavenças de um lugar pequeno. Típico de mães que ficam em casa com tempo demais a seu dispor” (SHRIVER, 2007, p. 223).^{xv} Eva era uma dessas mães: uma dessas mães que abriu mão de seus próprios interesses, da carreira etc. para cuidar do filho, enquanto o marido seguia a vida, sem se preocupar verdadeiramente com a educação da criança e com os problemas que a esposa enfrentava na criação do filho. O discurso e o comportamento de Franklin refletem a ideologia da sociedade, que supervaloriza a priorização da criança, ao passo que desvaloriza o trabalho da mulher, negligenciando completamente as necessidades e o sentimento da mulher-mãe.

366

O QUE SE FALA, O QUE SE CALA

A maternidade é, ainda hoje, um tabu. Quando se fala sobre o tema e sobre as mulheres que são mães, o normal é que se fale sobre as experiências positivas, ou, no máximo, sobre as experiências mais realistas, talvez até um pouco complicadas. Não se fala, contudo, sobre as mães que estão infelizes, insatisfeitas; e, principalmente, não se fala sobre as mães que se arrependem.

Partindo das reflexões acerca da maternidade feitas até aqui, é possível

afirmar que a personagem Eva Khatchadourian, apesar de vivenciar a possibilidade de priorizar seus interesses



personais, acaba sucumbindo à ideologia maternalista vigente, escolhendo para si algo que não era realmente a sua vontade, mas a vontade da sociedade, imposta tão fortemente a todas as mulheres. A prioridade da personagem era sua carreira. Ela se sentia plenamente satisfeita em conciliar o casamento e os negócios. Decidiu, no entanto, correr o risco de mudar a sua vida totalmente, indo ao encontro do que se espera de toda mulher. Concluiu que uma mulher que “optasse por manter sua vida arrumada, sufocante, estática, ressequida, sem saída e sem família era não apenas míope como também pavorosa” (SHRIVER, 2011, p. 39).^{xvi} A vivência da personagem como mãe de Kevin foi contrária a tudo o que se tem como ideal de maternidade. Ela não sente o amor inato; descreve como aversão o sentimento que a fez prosseguir com o parto do primeiro filho; não se conecta a Kevin; retorna ao lar somente porque nenhuma babá permanecia no emprego.

Badinter assevera (2011, p. 143): “Em cada cultura, existe um modelo ideal de maternidade predominante que pode variar segundo as épocas. Conscientemente ou não, todas as mulheres o carregam”. Diante do ideal, entretanto, é comum que as mães se sintam constantemente aquém da tarefa, principalmente nos dias atuais, em que o aumento das demandas maternas colide com as diversas obrigações das mulheres fora do contexto familiar. Eis uma fórmula pronta para o aumento também do sentimento de culpa. O que poderia haver de pior do que conviver com a culpa de estar sacrificando o próprio filho em prol da carreira e dos interesses pessoais? Sentir-se uma péssima mãe significa falhar naquele que a sociedade considera ser o trabalho mais importante da vida. A criança se torna, assim, uma importante – e perigosa – ferramenta para a manutenção do patriarcado e da desigualdade entre os sexos.

Eva não vivenciou as experiências de que tanto ouviu falar com seu primeiro filho, mas teve uma experiência diferente da segunda vez. Se não existe um padrão comportamental para as mulheres-mães, a maternidade não deve, portanto, ser sacralizada. É necessário, igualmente, refletir sobre a culpa da sociedade, na decisão, muitas vezes equivocada, de muitas mulheres pela maternidade. Como diz Orna Donath (2017, p. 13), a sociedade se isenta da responsabilidade por “empurrar veementemente todas as mulheres

consideradas física e emocionalmente saudáveis não apenas para a maternidade, mas também para a solidão de lidar com as consequências dessa persuasão.” Ao revelar alguns dos mecanismos e consequências desta persuasão, o romance de Shriver nos faz notar e querer mudar aquilo que, como Kevin, não pode mesmo dar bons resultados.



REFERÊNCIAS

BADINTER, E. *O conflito: a mulher e a mãe*. Trad. Véra Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. v. 2 [A experiência vivida].

DONATH, O. *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Trad. Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SHRIVER, L. *Precisamos falar sobre o Kevin*. Trad. Beth Vieira e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

SHRIVER, L. *We Need to Talk about Kevin*. London: Serpent'stail, 2011.

368

Recebido em 12 de abril de 2021.

Aprovado em 23 de junho de 2021.

WHEN THE SUBJECT IS TO PROCREATE: A REFLECTION ABOUT THE REPRESENTATION OF MATERNITY IN WE NEED TO TALK ABOUT KEVIN, BY LIONEL SHRIVER

Abstract: The article aims to present a reflection on the peculiar maternal representation created by Lionel Shriver in the epistolary novel *We Need to Talk about Kevin*, published in 2003. It approaches the novel with the help of studies on motherhood, the woman-mother and maternalist ideology, considering authors such as Nancy Chodorow, Orna Donath and Simone de Beauvoir, highlighting the work of the French



philosopher Elisabeth Badinter. One thinks about the concept of innate love, studied by Badinter, the changes in the conception of motherhood over the years, and the maternal ideal that currently prevails. It is concluded that the maternal representation of Shriver's novel is contrary to what has been socially constructed in relation to motherhood and the ideal of the woman-mother. This presents itself as something unattainable, which oppresses and compels women to return home, forcing them to dedicate exclusively to their children. It is, therefore, a tool to maintain the patriarchal organization of society.

Keywords: Maternity; Lionel Shriver; *We Need to Talk about Kevin*.

369

ⁱ Optamos por colocar, no corpo do texto, a citação da tradução brasileira do livro de Shriver, deixando para as notas de rodapé a transcrição do original: "One of us always got lodged into the role of parental party pooper, and I had rained on the progeny parade in our previous session: A child was loud, messy, constraining, and ungrateful. This time I bid for the more daring role: 'At least if I got pregnant, something would *happen*.'" (SHRIVER, 2011, p. 19).

ⁱⁱ "Maybe my love for Celia was too easy. Maybe in my own terms she was kind of cheating, since my whole life I had striven to surmount difficulty, to overcome terrors. Celia was plainly lovable. I can't recall anyone who didn't find her sweet, though I wonder if she stuck in the mind. Neighbors rarely liked Kevin, even if they were too polite to say so outright, but they remembered him." (SHRIVER, 2011, p. 265).

ⁱⁱⁱ "For years I'd been awaiting that overriding urge I'd always heard about, the narcotic pining that draws childless women ineluctably to strangers' strollers in parks" (SHRIVER, 2011, p. 31).

^{iv} "When I hadn't gone into maternal heat by my mid-thirties, I worried that there was something wrong with me, something missing. By the time I gave birth to Kevin at thirty-seven, I had begun to anguish over whether, but not simply accepting this defect, I had amplified an incidental, perhaps merely chemical deficiency into a flaw of Shakespearean proportions." (SHRIVER, 2011, p. 31).

^v "So what finally pulled me off the fence? You, for starters. For if we were happy, you weren't, not quite, and I must have known that. There was a hole in your life that I couldn't quite fill. [...] Your passion was for people, Franklin. So when I saw you playing with Brian's children, nuzzling them with monkey puppets and admiring their wash-off tattoos, I yearned to provide you opportunity for the ardor that I myself once found in *A Wing and a Prayer* – or, as you would say, *AWAP*." (SHRIVER, 2011, p. 32).

^{vi} "But if I ever had to miss you, miss you forever, I wanted to have someone to miss you alongside, who would know you if only as a chasm in his life, as you were a chasm in mine" (SHRIVER, 2011, p. 58).

^{vii} "Once I had forced myself to sit up, if only because she seemed so bored, Dr. Rhinestein went through a long list of what I couldn't do, what I couldn't eat and drink, when I *would* – never mind my plans to update 'WEEWAP', as the office now called our Western European edition, thanks to you – return for my next appointment. This was my introduction to the way in which, crossing the threshold of motherhood, suddenly you become social property, the animate equivalent of a public park. That coy expression 'you're eating for *two* now, dear', is all by way of goading that your very dinner is no longer a private affair; indeed, as *the land of the free* has grown increasingly coercive, the inference seems to run that 'you're eating for *us* now', for the 200-some million meddlers, any of whose prerogative it is to object should you ever be in the mood for a jelly donut and not a full meal with whole grains and leafy vegetables that covers all five major food groups. The right to boss pregnant women around was surely on its way into the Constitution." (SHRIVER, 2011, p. 63).

^{viii} "In horror and sci-fi, the host is consumed or rent, reduced to husk or residue so that some nightmare creature may survive its shell. [...] The whole time I was pregnant with Kevin I was battling the idea of

QUANDO O ASSUNTO É
PROCRÍAR: UMA REFLEXÃO
SOBRE A REPRESENTAÇÃO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.19,
p. 354-370, jul./dez. 2021
ISSN 2525-3441



Kevin, the notion that I had demoted myself from driver to vehicle, from householder to house.” (SHRIVER, 2011, p. 70).

^{ix} “Last time I read, pregnancy wasn’t a prison sentence” (SHRIVER, 2011, p. 75).

^x “Boy, I was already sick of having the *well-being of a whole other person* held over my head” (SHRIVER, 2011, p. 76).

^{xi} “Don’t you *ever say that*” (SHRIVER, 2011, p. 76).

^{xii} “American by choice as well as birth” (SHRIVER, 2011, p. 42).

^{xiii} “Two more months Is it that big a sacrifice to take it easy for the well-being of a whole other person?” (SHRIVER, 2011, p. 76).

^{xiv} “If I ever cut it close crossing the street, you weren’t concerned for my personal safety but were outraged at my irresponsibility. These ‘risks’ I took – and I regarded as going about my regular life – seemed in your mind to exhibit a cavalier attitude toward one of your personal belongings.” (SHRIVER, 2011, p. 75).

^{xv} “I wouldn’t ask him because that’s an ugly story that would hurt his feelings. And I don’t see the mystery – gossip and cliquishness and small-town fallings out. Typical of stay-at-home mothers with time on their hands” (SHRIVER, 2011, p. 222).

^{xvi} “[...] so that anyone compiling such a catalogue who still chose to retain her tidy, airless, static, dead-end family-tree life was not only short-sighted but a terrible person” (SHRIVER, 2011, p. 31).